PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO ESPECIAL
ANO 2
DEZEMBRO/2020
RAÍZES DO BRASIL

Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

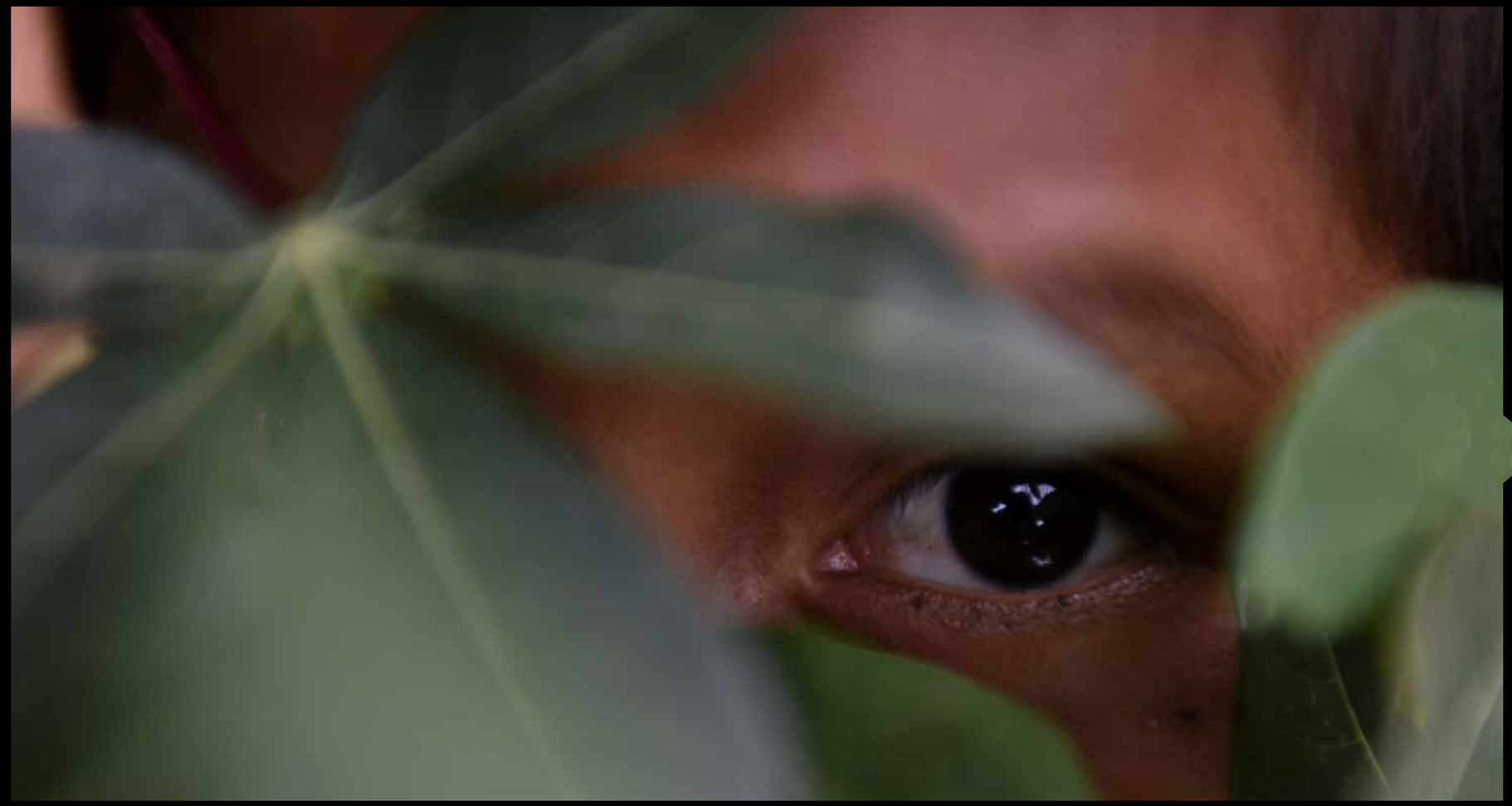
É provável que o "grito de independência" de Pedro I esteja mais para lenda do que para realidade. Todo país precisa de seus mitos fundadores e nós, brasileiros, temos o nosso pintado na tela de Pedro Américo. Como o desligamento metropolitano não passou por traumas além de resistências pontuais, a verdadeira independência foi iniciada na literatura antes mesmo do cavalo, da espada e da barbicha do primeiro imperador. Nos periódicos da época, travava-se um debate sobre a identidade nacional que iria se arrastar até o século XX – teríamos elementos culturais capazes de nos identificar como um povo independente? Naquela época, quem poderia responder a essa pergunta?

Claro que a questão identitária não era uma preocupação na vida comezinha das "gentes de baixo", da ralé, do populacho. O incômodo com as ligações portuguesas dava comichão em uma elite pensante que falava três ou quatro idiomas e cuidava de terras e escravos, quase sempre radicada na Corte banhada pelo mar. Ninguém perguntou às etnias indígenas, aos refugiados aquilombados e aos moradores dos cortiços cariocas se ali haveria ou não identidade. Ainda assim, construiu-se uma imagem. Aquela geração de bravos nativistas pariu uma bricolagem de "tipos regionais" cuja reinvindicação de nacionalidade dava-se pela expressão romântica. Com o tempo e a crítica, os escritores perceberam que o país era completamente desconhecido e, portanto, poderia ser descoberto e redescoberto a cada romance. Mas como se daria essa descoberta? É aí que a porca torce o rabo.

Durante muito tempo, permanecemos com a noção mimetizada de "conquista", reprisando a mesma mentalidade colonialista introjetada pela metrópole. Era preciso avançar, ocupar e conquistar o grande vazio brasileiro, levando civilização à barbárie. Esse padrão de pensamento demonstrava (e ainda demonstra) uma visão paradoxal de liberdade e dominação, de autonomia e hegemonia, isto é, de velhas repetições sob o manto da novidade. Falou-se sobre o "mestiço", mas o mestiço não disse nada. O mesmo se diga quanto ao indígena, ao negro, ao sertanejo, à mulher. O monopólio narrativo afigura-se, desde sempre, uma enorme contradição. Sobretudo quando os autores pretendem alcançar a realidade. Aí as narrativas ganham contornos patéticos e são, quase sempre, motivo de escárnio para as gerações seguintes.

Não pretendemos sustentar críticas simplistas que almejam destruir o passado, passando a borracha na literatura que seria uma espécie de "rascunho identitário". Essa posição é de uma arrogância indescritível. Julgar o mérito da arte do passado é instalar uma bomba-relógio que explode geração após geração, anulando qualquer esforço realizado até o eterno presente que não quer despregar do imaginário intelectual contemporâneo. A expressão artística do passado não é melhor, tampouco pior. Como manifestação de uma época, terá sempre uma importância vital para compreender a nossa própria produção, assinalando as viradas estéticas significativas de cada momento histórico. Não fosse assim, deveríamos simplesmente abolir do nosso cotidiano as tragédias gregas, onde a escravidão, a xenofobia, o racismo e a misoginia (os gregos não eram fáceis) compunham um cenário absolutamente natural.

Portanto, o que se busca nesta edição da Revista Literária Pixé não é o revanchismo. Ao contrário: é preciso incluir, abraçar, oportunizar outras vozes. Vozes que formam uma identidade pouco considerada pelo cânone. Vozes que não são meras projeções de terceiros. Vozes que representam a si próprias. São melhores? São piores? O julgamento estético quem fará é o leitor e o crítico do presente e do futuro. O que importa, aqui e agora, é expor as nossas raízes. Mas não se enganem! As raízes do Brasil não estão apenas debaixo da terra. São visíveis nas folhas, nos frutos e, por que não?, nas flores. Não vamos cair na esparrela de monopolizar a visão sobre identidade. A ninguém pertence esse direito e, ao mesmo tempo, é um direito que pertence a todos.



SUMÁRIO

2 Editorial
6 Apresentação
8 Aurélio Augusto
10 Márcio Bororo
12 Rosemar Eurico Coenga
14 Leide Alcedina de Figueiredo
16 Edir Pina de Barros
18 Flavio Gatti
20 Luciene Carvalho
22 Maria Marincina
24 Lívia Bertges
26 Inácio Werner
28 Eniel Gahette
30 Ruth Albernaz
34 Henrique Santian
36 Janete Manacá
38 Silvano Che Muquissai
42 Suely Siqueira
44 José Eduardo F. M. da Costa
46 Meire Pedroso da Silva
48 Aloir Pacini
52 Maria Clara Bertúlio
54 Sônia Regina Romanacini e Edenilson Dutra de Moura
56 Giovani José da Silva
58 Márcio Mendes
60 Loyuá Ribeiro Fernandes Moreira da Costa
62 Anna Maria Ribeiro

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Artista Visual Convidado: Henrique Santian
Colaboradores desta edição: Aloir Pacini, Anna Maria Ribeiro, Aurélio Augusto, Edenilson Dutra de Moura, Edir Pina de Barros, Eniel Gahette, Flávio Gatti, Giovani José da Silva, Inácio Werner, Ivan Belém, Janete Manacá, José Eduardo F. M. da Costa, Leide Alcedina de Figueiredo, Lívia Bertges, Loyuá Ribeiro Fernandes Moreira da Costa, Luciene Carvalho, Márcio Mendes, Maria Clara Bertúlio, Maria Marincina, Meire Pedroso da Silva, Rosemar Coenga, Ruth Albernaz, Silvano Chue Muquissai, Sônia Regina Romancini, Suely Siqueira.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba

APRESENTAÇÃO

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

Ivan Belém
Ivan Belém é doutor em Educação pela UFMT. Além da literatura, dedica-se ainda ao teatro e ao serviço público. Foi um dos fundadores do Grupo Gambiarra, primeiro grupo de teatro de rua de MT. Durante 10 anos formou dupla com o ator Liu Arruda. Foi gestor do Museu do Rio Cuiabá "Hid Alfredo Scaff" e do Museu da Imagem e do Som de Cuiabá. É autor de "A Baía de Tchá Mariana: mitopoéticas africana e pantaneira nos círculos de aprendizagens ambientais". Recebeu o Prêmio Mato Grosso de Literatura /2015, pela obra "Liu Arruda: a travessia de um bufão".

RAÍZES DO BRASIL

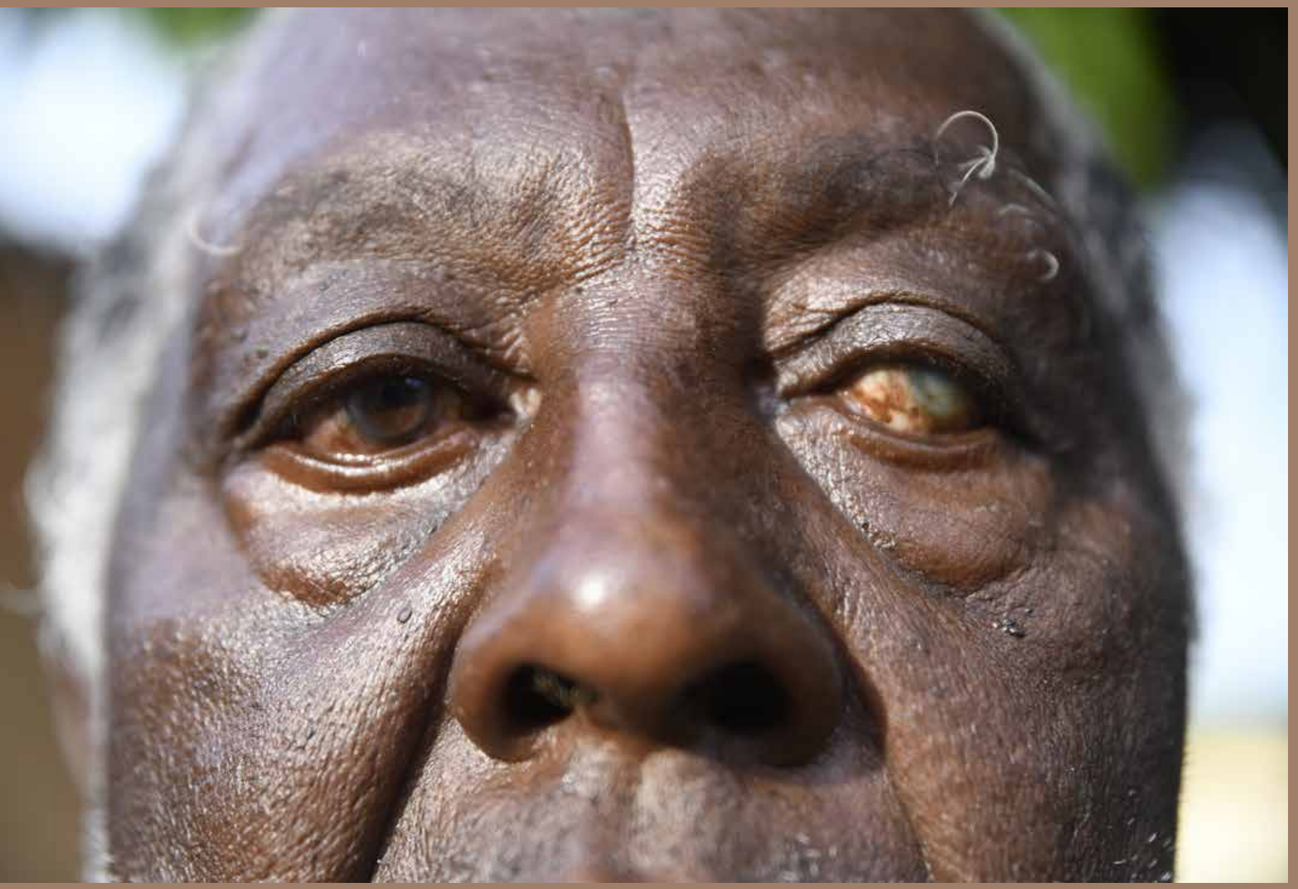
O jargão "conhecer para respeitar" tornou-se desgastado sem que, contudo, houvesse uma tomada de decisão mais eficaz e que apresentasse alcances para combater o desconhecimento sobre os povos indígenas do passado e do presente. Modos de ser, de pensar, de sentir preconceituosos são produtores de violência. Conhecer a formação da população brasileira deve pôr em debate a "descolonização epistêmica". Ao contrário, na contramão da não existência, caracterizada pela secular dominação e desumanização que tenta tornar invisível outras vivências históricas para permanecer instalada na colonialidade, nos saberes subalternos e no pensar limiar.

Em relação ao aumento assustador dos mais diversos tipos de violência contra povos indígenas, é urgente que o Brasil mostre sua cara. Que oportunize nos mais diversos ambientes a fabulosa diversidade cultural existente no país. Que exercite os olhos dos brasileiros a olhar em várias direções e vivenciar a fantástica experiência de conhecer modos tão distintos de estar no mundo de seus filhos autóctones, a desmanchar preconceitos que geram violências que parecem não ter fim.

Não diferentemente dos povos indígenas encontra-se o afrodescendente. Escravizado e excluído das instituições escolares oficiais, o povo negro sempre contribuiu com a cultura brasileira, seja construindo o patrimônio material ou mesmo o patrimônio intangível, compondo e enriquecendo o repertório cultural deste país. Oriundo de uma sociedade ancestral, na qual a oralidade e a memória possuem importância fundamental, conquistou a condição de sujeito num contexto predominantemente eurocêntrico, branco e excludente. Narrando geração a geração, exprime sua própria visão de mundo e aquela do grupo a que pertence, apreendendo e desvelando o mundo ludicamente.

Esse modelo perverso, que reservou aos negros e negras os piores lugares em nossa sociedade, fez com que suas ideias e conceitos permanecessem historicamente nos subterrâneos, circulando oralmente no próprio grupo. Ao branco ("civilizado") letrado, coube o papel de deixar registrado suas impressões sobre o negro ("bárbaro"), não escolarizado. Pouco mais de um século após a abolição, é notável a presença da comunidade negra em todos os setores da arte e da cultura, numa intervenção estética que possibilita corrigir o quadro de injustiça.

A Revista Literária Pixé e este número em especial prezam pela valorização dos povos indígenas e afrodescendentes. Clama pela liberdade entremeada à justiça para que a "cultura no plural", gentes plurais formadoras das "Raízes do Brasil" sejam respeitadas em seus direitos específicos e universais. Em tempos pandêmicos, a desigualdade social mais fortemente mostrou-se. Está escancarada. É um momento comovente, sem dúvida. Hora de vermos o Brasil diverso apresentar suas caras e começar realmente a tirar a Carta Magna da gaveta palaciana.



Aurélio Augusto
É ex-vereador, ex-secretário de esporte e cidadania de Cuiabá/MT, poeta, escritor, autor de 4 obras literárias (Momentos,1984, Uma voz ao vento, 1987, Hibisco, o mundo invisivel, 2008 e Aprendiz de gente, 2016.)

RESSUREIÇÃO DO PERTENCIMENTO HUMANO

O tempo revela nossa saga como se fosse um fotógrafo, muitas fotos já amareladas referenciam o amadurecimento da nossa mente, sem conceituá-la como inservível, mas sim como um instrumento que nos protege de nós mesmos.

O homem é a palavra que escuta a razão e a corrompe ao se encantar com o falecimento em si dos sentimentos nobres.

Não devemos nos enforcar com os laços históricos dos nossos sofrimentos através da ancestralidade ou de agora.

Unirmos aos quilombos é o caminho para desatar todos os nós do fio da história, libertando corações e mentes.

Imprescindível é entendermos de onde viemos, para desativar as novas armadilhas de Porongos. Hoje forças táticas armadas invadem o sono nas comunidades acima e abaixo dos morros dos desabamentos previsíveis.

Sem diálogo, alimentam a guerra onde se disputa o controle dos corpos mamíferos racionais com a morte. Porque não dialogar com o universo, a natureza é sua porta voz. Sim, ela é poliglota e só os loucos entendem seus idiomas de paz.

Sabem que os corpos dos animais mortos fertilizam o solo, que se esbanjam em um banquete degustando músculos e carnes putrefatas, nos devolvendo com ajuda de sementes e chuvas, os frutos e vegetais. Perfeita, descarta a justificativa de encurtar a viagem das flores da espécie Marielles até a estação primavera, onde semeariam no inconsciente coletivo, o sêmen do direito de serem livres e iguais.

A canção do rei dizia que todos estão surdos. É verdade nós não ouvimos o estalar dos ossos do pescoço de George, reprise do som macabro como o que levou o irmão Bernardo, sem rolar papo. Era só um joelho fardado, milionário estrangulando e tirando a graça de uma anedota declarada universal.

Agora dá pra ouvir a marcha fúnebre tocada pela banda desafinada das injustiças. A melodia que não é do Luiz, soa como um convite para o enterro de uma cidade em um abismo profundo ou sem fundo. Absurdo, apagaram a lua e nem tem mais luz do azeite de lambari. Na escuridão só sobraram milhares de pirilampos, para iluminarem a ressureição da essência do pertencimento humano.

VELHO SÃO LOURENÇO

Quando vem o romper da aurora no encanto lindo que é meu lugar.
Viajo em meus pensamentos ouvindo os pássaros a cantar.
Vendo o velho São Lourenço lutando para não se acabar,
Em um último suspiro com a lufada vinda do Pantanal.
Bugio ronca no meio da mata, tentando nos alertar.
Que a mata é a sua casa, por isso temos que lhe respeitar.
Vizinho índio pega a canoa,
Saindo para pescar,
Lembrando os tempos de outrora, que nunca mais irão voltar.
Lindos dias dos antepassados,
Que na prenuncia do tempo estão guardados.
Que sair para pescar, era como ir em um mercado
Mas com o respeito à natureza, o peixe era pago.
E o rio tal qual o filho índio, era preservado.
Com os olhos rasos d'água de ver minha nação quase destruída
Eu sofro um pouco e mais ainda, vendo a natureza sendo agredida.
Essa sede de progresso tem que ser repensada e sofrer um retrocesso.
Não matemos quem nos dá a vida, em nome da consciência eu peço.
Lindos dias dos antepassados que na prenuncia do tempo, estão guardados.
Que sair para pescar era como ir em um mercado,
Mas com respeito a natureza o peixe era pago.
E o rio tal qual o filho do índio, era preservado.
Com os olhos rasos d'água, de ver minha nação quase destruída.
Eu sofro mais um pouco ainda, vendo a natureza sendo agredida.
Essa sede de progresso tem que ser repensada e sofrer um retrocesso.
Não matemos quem nos dá a vida, em nome da concorrência eu peço.

Márcio Bororo
Pertence à etnia Boe Bororo, é músico, cantor e compositor. Atualmente é Presidente da Academia dos Saberes Indígenas.

BRASIL 500 ANOS

Eu vi o dia nascer belo com o sol ardente,
A chuva molhar a terra,
Trazendo uma nova vida na semente.
Eu vi a mata acordando com o cantar da passarada,
Percebi o rio dormir, à meia-noite, de uma noite enluarada.
Vi o massacre de um povo ao romper da madrugada,
Que fugiu por todos os cantos, amedrontados em disparada.
Vi os poucos que restaram com as almas destroçadas,
Chorando aqueles que se foram, olhando a aldeia incendiada.
Ouvi o choro da criança sem os pais, desamparada,
Que morreram atordoados sem saber o que passava.
Ouvi o pranto da mãe natureza, por sua filha a nossa mata idolatrada.
Que não suportou as labaredas da queimada,
E agora virou cinzas,
E não é mais a nossa casa.
Então, o índio chorou e entristeceu,
Mas sorrindo espera a ajuda de Deus.
Que é todo poderoso, muito justo e soberano.
Que cuida de nossas vidas,
E faz com que eu sobreviva no "Brasil 500 anos".

SENDAS PELA LITERATURA INDÍGENA

Alguns trabalhos sobre literatura de autoria indígena nasceram de um processo colaborativo de produção realizado ao lado de Anna Maria. Foram momentos de encontro da mais pura amizade e solidariedade, "momentos de graça infrequentíssimos, peixe vivo se debatendo nas mãos: puro susto e terror", como diz Adélia Prado, no poema Antes do nome.

Ao escrever este texto aqui reunidos na Revista Pixé ocorreu-me a figura da palavra senda: rumo, vereda, direção, rota, atalho. As vozes desses encontros são entrelaçados de fios significativos, fios de sentidos que se entrelaçam e se soldam na tessitura da vida. Ao longo dos anos, partilhamos leituras, formamos uma rede de histórias e experiências interligadas num jogo de memórias.

Caminhar pelas trilhas literárias indígenas implica enxergar as vozes da floresta, capazes de nos despertar para uma infinidade de histórias inspiradoras narradas pelos fios da ancestralidade indígena. Ao divulgar a produção indígena literária contemporânea endereçada a crianças e jovens, objetivamos atender a uma demanda escolar, ou seja, são obras escritas para auxiliar o professor na tarefa de debruçar sobre essa multiplicidade de concepções de mundo, crenças e valores.

Diante do preconceito, do aviltamento, das espoliações que continuam sofrendo os indígenas – refletir sobre as possibilidades de literatura é um gesto mais que urgente e necessário. Do legado desse encontro e por meio da literatura de autores de diferentes etnias aprendi a reconhecer a força da tradição oral, suas histórias sagradas, seus mitos, seus ritos. Da boca de Anna ouço suas múltiplas explicações dos ritos de iniciação, de celebração e de despedida sempre cheio de sensibilidade, magia e mistério.

Na construção dessa grande trilha, aprendi uma centena de coisas, e muitas são indizíveis, pois passam apenas pelo sentir. Não tenho dúvida de que a escola poderá, e, muito, enriquecer o olhar dos alunos acerca das marcas étnicas e, consequentemente, culturais, linguísticas e éticas. Fica evidente que nosso desejo é que o diálogo aconteça nas escolas; que nossa proposta de conversar sobre os livros de autoria indígena possam convidar professor e aluno a conhecer sobre a filosofia dos povos indígenas.

Rosemar Eurico Coenga
Possui Graduação em Letras, com habilitação Português Francês, pela Universidade Federal de Mato Grosso; Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso e Doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília. Em 2019, recebeu da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) o selo Altamente Recomendável e Prêmio Melhor Obra Teórica com o livro *Literatura de recepção infantil e juvenil: modos de emancipar*, Habilis Press, 2018.

Leide Alcedina de Figueiredo
Natural de Cuiabá, graduada e pós graduada na área da pedagogia, trabalhou durante 33 anos para o governo do estado de Mato Grosso, sendo que 17 anos como professora. Desde criança sempre foi muito inclinada à leitura, demonstrando vivo interesse especialmente pela poesia. Possui considerável coletânea de escritos como: poemas, contos infantis, peças teatrais, etc. Em 1995 recebeu o 1º prêmio no concurso "Zé Bolo Flô, o poeta andarilho", com a poesia: "Menino de Rua". É fundadora e integrante do grupo Poetas Livres, desde dezembro de 2001. A obra acima pertence ao livro "22 poemas pra quem é louco por gatos e outros bichos", que já está impresso e será lançado no SESC Arsenal em breve, aguardem!

SÁBIOS ANIMAIS...

O que é preciso
Pro mundo ter paz?
É só ter juízo,
Como os animais

É darmos as mãos
Unindo-nos mais
Viver como irmãos
Como os animais

Olhemos os pássaros:
Alegres, festivos, joviais
Falemos sua linguagem
Tão francos e informais

Sejamos como tais:
Finos, leves, frugais
Pacíficos e cordiais...
...sábios e não banais
Comedidos; sóbrios, racionais
Como os pássaros
Sábios animais

Rudezas?! Nunca, jamais
Sejamos leais
Conscientes, como os animais!

Edir Pina de Barros
É membro da Academia Brasileira de Sonetistas e da Academia Virtual de Poetas de Língua Portuguesa. Participa do livro 80 Balas, 80 Poemas (versão virtual, Zunái, 2.020, Org. Claudio Daniel) e das coletâneas Poesia em tempos de barbárie e A noite dentro da Ostra (Lumme Editor, ambas 2.019, Org. Claudio Daniel). Seus poemas estão disponíveis em mais de dez livros e em revistas eletrônicas (Ruído Manifesto, Portal Vermelho, Quatetê, Ser Mulher Arte e outras). É doutora e pós-doutora em Antropologia pela USP, professora aposentada (UFMT). Seu livro, Os Filhos do Sol (EDUSP, 2.003), foi indicado ao Prêmio Jabuti 2004 pela Universidade de São Paulo. Nasceu no Mato Grosso do Sul e hoje reside em Brasília.

VOZES ANCESTRAIS

Compreender, de fato, os sons externos,
que chegam, tão confusos, aos ouvidos,
exige, sim, buscar nos tempos idos,
as fontes dos conflitos, os modernos.

Memória registrou, nos seus cadernos,
com sangue, que escorreu dos desvalidos,
mas que lutaram firmes, destemidos,
as crônicas dos povos subalternos.

Escuta, que o silêncio alto fala
das coisas, que no colo, o tempo embala,
e está em tantos mitos e locais.

As vozes ancestrais, portanto, escuta,
atento às mil raízes da disputa
fincadas desde os tempos coloniais.

CICLOS

(Aos Bakairi, dedico)

Acorda
A brisa da madrugada
já brinca com as relvas
e os pássaros pipilam
anunciando o novo dia...

Acorda
A canoa já está no porto
o rio nos espera agora
a espreguiçar suas águas
no leito rendado de areia.

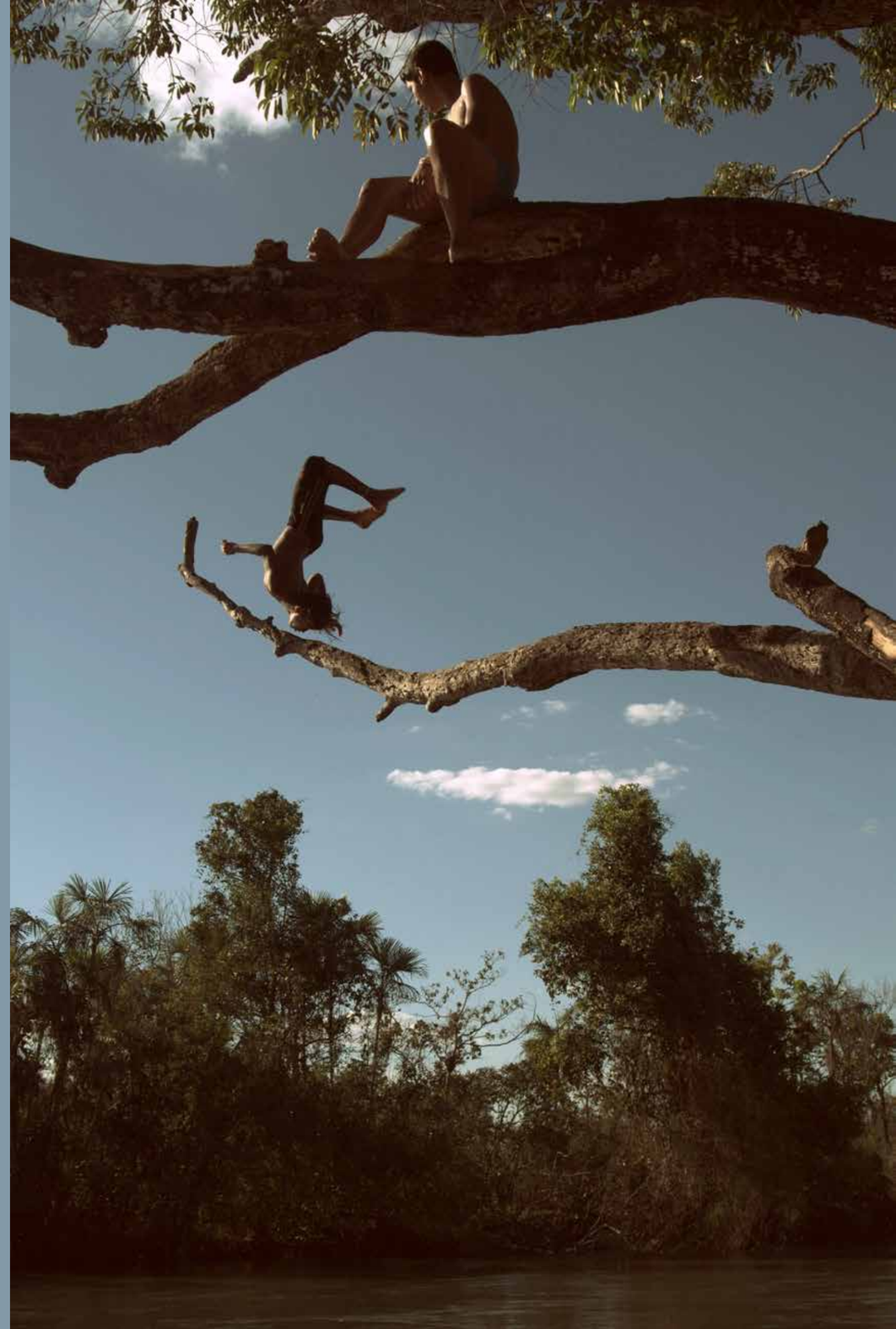
Acorda
As capivaras e as pacas
vão devorar todo o milho
plantado para o batizado
e não haverá mais festa...

Acorda
Sem batizar o milho
não haverá fartura
e um novo e longo eclipse
abraçará nossas vidas...

Acorda
E escuta a delicada brisa
que murmura em segredo
os cânticos sagrados
das vozes ancestrais...

Acorda
Ou eterno será o sono
no poço fundo do tempo
onde moram agonias
da escuridão dos inícios...

Acorda



EXPERIÊNCIAS CHIQUITANAS

Fecho os olhos e remeto-me ao vivido e ao imaginário...

Caminho que leva a Chiquitania, geralmente terreno plano, com pequenas elevações ou colinas, sendo problemáticas as épocas das chuvas, quando enchem as planícies, dificultando a marcha de pessoas e animais. Riachos que às vezes durante a noite, ficam tão grandes que se é necessário esperar alguns dias até que baixem e se possa atravessar. No tempo seco, de maio a outubro é mais fácil viajar, especialmente se você puder seguir o curso, mais ou menos perto, de algum rio ou riacho e encontrar áreas de pastagem para animais de carga ou de sela.

Chegando, podemos notar que no aspecto missional, as "nações chiquitas" que constituíam a base sociocultural do grande projeto reducional jesuítico, por motivos que iam desde os mais práticos ligados aos bens materiais até os mais espirituais ligados à assimilação da mensagem do cristianismo.

A arquitetura permanece como elemento de identidade e referência para o patrimônio missionário. Para o conjunto de símbolos, ritos e mitos que juntos com a ideia de espaço compõem o substrato do imaginário nas edificações intelectuais. Entramos no campo da construção da alteridade, entendendo "alteridade" como o "efeito" ou resultado dos processos através dos quais uma cultura hegemônica foi relacionada com grupos subordinados, visualizando-os e (des)classificando-os com base em suas diferenças físicas, linguísticas, religiosas, etc.

Usam a selva para obter dela os materiais necessários para melhorar as moradias rudimentares dos Chiquitanos e dão origem à admirada arquitetura civil e religiosa nas missões de Chiquitos, além de fazer seus instrumentos.

Fizeram igrejas com abundância de elementos artísticos, forquilhas assustadoras - salomônicas, arcos esculpidos, anjos, santos padroeiros, pintura mural com motivos vegetalistas, retábulos esculpidos que brilham, devido ao ouro que é coberto e assim encontrem um clima de profusão artística.

A arte de transformar a natureza por meio da aplicação de técnicas e a experiência foram combinadas nas igrejas e cultura Chiquitanas. Os índios das reduções revelaram-se excelentes artistas em decoração de madeira, terracota e pedra, bem como valiosos artesãos na elaboração de objetos de barro, madeira e metal e na produção de tecidos de algodão e lã. Para a construção de instrumentos musicais com madeiras mais suaves, mas de grande durabilidade e beleza, como o cedro rosa. Antes que a matéria-prima chegue às oficinas, os índios serram as toras à mão para obter tábuas retas.

Melódicos e cadenciados, a expressão dos sentimentos mais intensos que os artistas conheceram representam nos rostos, na harmonia dos corpos e na elegância dos baixos-relevos ornamentais testemunham não apenas habilidade manual, mas também um alto grau de sensibilidade e personalidade.

Canto, música e dança, passatempos favoritos dos indígenas em momentos de descanso e férias, estando em perfeita harmonia com suas tradições alcançando um compromisso entre a antiga cultura aborígine e a nova contribuída pela Cristandade.

As danças gradualmente se transformaram em pantomimas, danças figurativas e temas alegóricos com temáticas como a luta de São Miguel com o dragão, a guerra dos Espanhóis contra os Mouros, a visita dos Magos à manjedoura e outros temas inspiradores.

O urbanismo missionário foi carregado de símbolos a fim de contribuir para a evangelização dos indígenas. Nesse sentido, a praça das "reducciones chiquitanas" impõe uma nova consciência e novos esquemas na relação social. Edifícios que estão na praça sintetizam a vida: a igreja, as oficinas, a escola, o hospital, a prisão e o cemitério. Desta forma, a igreja e a praça como elementos fundamentais da vida urbana e a comunidade da vida em uma sociedade organizada e civilizada.

Flavio Gatti
É professor, pesquisador e amante das questões fronteiriças entre Mato Grosso e Bolívia. Teve seu primeiro contato com a temática em 2004, quando começaram suas pesquisas. Autor do livro Fronteira Chiquitana (2017). Atualmente professor da Unifesspa. Entusiasta dos animais e alguém que ainda acredita no "Ser Humano".

Luciene Carvalho
A escritora é corumbaense, vive em Cuiabá, no Estado de Mato Grosso/BRASIL - desde 1974 - tendo já recebido o título de cidadã cuiabana. É membro da Academia Mato-Grossense de Letras/AML. Entre as obras poéticas publicadas, citamos: Aquelarre (2007); Insânia (2009); Ladra de Flores (2012) e Dona (2018).

MELADO

I

No tacho
Grande, enorme
Ferve
O caldo da cana
A pele da negra
Mexe a pá
Absorve
O fogo suor
O calor
A vida consome
No doce
Melado

II

O roubo foi consumado
Ouro, dinheiro
Do que foi roubado
A mente separa:
Pro guri: um calçado
Pra mulher: roupa cara, um salto
Pra comida
Pra ele: uma coisa
De alegrar a vida...
Nem viu viatura
6 tiros
Tá cravada a criatura
No asfalto
O sangue
Coroa e cabeça morta
Melado

III

Ela é linda
De quatro
De uma cor
Que ainda chamam mulata
Mexe a anca
De um jeito de lado
O freguês
Geme
Arremete
Uma e outra vez
A nuca da fêmea descansa
Garantiu o aluguel
Até ontem
Ela era criança...
O sêmen
Desenha lagos no lombo
Consumado
E pago
Melado

Maria Marincina
É uma carioca deslocada no mundo. Roda pelo Brasil há vinte anos estudando plantas e colhendo histórias, captando momentos com tom de texto, que procura jogar no papel em ímpetos de escrita. A diversidade é sua inspiração e a floresta é sua musa. É formada em assuntos do coração e ama a quietude das gotas de chuva das manhãs nascentes.

COURO DE JIBOIA

Ele não teve palavras para explicar o que sentiu, o pajé. Não em língua portuguesa. Esse idioma estranho, estrangeiro, desses que vinham de fora, dessa que vinha buscar proteção. Há muito mau olhado, ela havia lhe dito, na esperança de que uma linguagem popular fosse-lhe mais apreensível. Pouco importava. Ele interpretou: "proteção", e alcançou o vidro de perfume. É isso que vai te proteger. Falou as palavras, e sentiu o que não podia expressar em português, o peso, a opressão, o medo, a competitividade, tudo tão citadino, tudo tão civilizado, tão mercadológico, tão apropriado àquela urbe que por alguns meses lhe seria casa. Não é proteção de alguém que ela busca, pensou, em sua própria língua. É disso que se põe à volta, desse cimento e desse asfalto, de onde brota essa vaidade e essa cobiça por mais cimento e por mais asfalto.

Não há solução fora desse lugar.
Não há respiro, porque o ar já está roto.

Na aldeia, nos confins de um afluente de um afluente do Rio Negro, o ar era outro. O pajé via as árvores, inalava o ar molhado da manhã, ou via os pássaros, e sabia quando estavam doentes, e sabia quando eram a cura. Eram cura, esse entorno era cura, e a doença que vinha nascia do que de branco se criava no lugar. Do ouro que atraía a desgraça consigo, que se aproximava da aldeia, mas ainda não chegara lá. Ainda era um refúgio, a aldeia, era a mesma dos avós e dos bisavós, era a da mata fechada com seu barulho noturno, que lhe contava os segredos do bem, do mal, do ser. Havia uma completude naquela natureza, no simples ser na natureza, no apenas estar na natureza, no respirar, no deixar-se levar pelo canto da mãe terra, com seus desejos, suas carícias em forma de brisa. A terra era pura existência, e dando tudo o que dava, não carecia dessas contendas em que vivia essa cidade, onde viera passar alguns meses.

Apenas alguns meses.

Atendia pessoas assim, curando-as, falando as palavras de proteção, quando pediam. Fechava-lhes. Mas uma após a outra, como essa, que lhe vinha agora, traziam as mazelas não de si, mas dessa vida, dessa dureza urbana, desse viver fora de si. Não havia cura pra isso. Era banho de rio em que se prende a respiração até não se aguentar em baixo d'água, para vir depois o arfar do beijo da floresta. Não havia isso ali. Só o peso, só o drama, só o anseio pela posse do que fosse material ou não, fosse dinheiro ou fama, fosse corpo ou alma, fosse concreto, fosse lama. Ele não entedia esse anseio por um mundo que se desfazia com o tempo, com o destino, ao preço da paz que atravessava os espíritos desde sempre. Não havia como explicar o que não tinha materialidade nessa língua exógena, ele apenas sentiu, apenas protegeu.

Deu-lhe o frasco de perfume com um pedaço de couro de jiboia. Tem que voltar, é pesado demais, disse. Tem que proteger outras vezes. Queria dizer: tem que fugir, tem que acabar essa loucura, não há o que salve, não há quem salve essa gente que se destrói, e por que se destroem?

Por essas notas que dizem tanto valer.
Quando não compram a saúde que não podem ter.

E acabam aqui, procurando no que tanto se rejeitou a saúde que o dinheiro não lhes proporciona. Não há paz, não há paz, não há liberdade nesse inferno dessa cidade, não há liberdade se o homem não é livre para dela gozar, porque é escravo dessa vida de dia após dia construir o que o vento leva num segundo embora. O coração já vai morto faz tempo nessa cidade, nesse calvário.

Ele precisa voltar pro rio.
Ela pega o perfume, agradece. Mira o couro de jiboia. Proteção.
Porta afora, a dureza da urbe lhe recebe.
Porta adentro, a saudade da floresta inunda um coração.

FIOS

Os saberes ancestrais
tocam dedos,
Cruzam caminhos
em fios
frestas e ritmos.

A beleza em
dança de mãos
tece cesta, tece sonho, tece esperança.

Nos resistentes toques
trocamos memórias
e admiração
sobre o conhecimento
vivo e trançado em festa.

Poemas nas palmas das anciãs

do povo Rikbaktsa, Mainhã e Domingas.

Lívia Bertges
(1987, Juiz de Fora-MG) apaixonou-se pela literatura quando integrou o grupo Contadores de Histórias do Colégio Metodista Granbery. É doutora em Estudos Literários (PPGEL/UFMT) e realizou estágio doutoral na Sorbonne Université (Paris, França). É mestra em Estudos Literários (UFMT) e também em Langues et Cultures Etrangères (Université Stendhal). Publicou artigos e poemas em revistas, antologias e sites. É parte do corpo editorial da Revista Digital Ruído Manifesto e integrante do Coletivo Literário Maria Taquara - Mulherio das Letras (MT).

Inácio Werner
É cientista social.

CAITITUS MATAM 4 INDÍGENAS CHIQUITANOS

No dia 11 de agosto, um dia quente e seco, clima desta região nesta época do ano, como de costume, Paulo Pedraza Chore, Ezequiel Pedraza Tosube, Yonas Pedraza Tosube e Arcindo Sumbre García, decidiram caçar. Antes, porém, telefonaram para o gerente da fazenda São Luis conhecido como "Seu Zé". Ele não estava, quem atendeu foi dona Domingas esposa de "Seu Zé" que autorizou a caça.

Para realizar a caça levaram uma espingarda "aquela de um tiro" com munição, facão, foice e água para beber, além de 5 cachorros.

A distância do local da caça é relativamente perto, algo como 2 km em campo aberto. Os únicos obstáculos são as 7 porteiras a serem abertas e fechadas.

A caça principal são os caititus, animais extremamente devoradores quando atacam uma plantação, segundo os Chiquitanos. Em uma noite acabam com a "roça". Os caititus são uma espécie próximos de outros como queixada, java porco, porco do mato.

Por volta das 14:00', chegando ao local, provavelmente avistaram a primeira caça e deram um tiro em um tatu. Os caititus ouvindo o tiro fizeram valer a máxima "um dia é da caça o outro do caçador" e não deixaram por menos, foram pra cima dos caçadores dando tiro para tudo que é lado. Segundo uma pessoa que estava próxima do local, teve 2 rajadas de tiro num intervalo aproximado de 30 minutos. O que se supõe é que os caititus nem esperaram os caçadores chegarem ao local onde montam a "ceva" - sal e a água para atrair os caititus. Podemos imaginar ao ver o local, uns 200 m antes da "ceva", foram dominados em pleno campo aberto próximo à cerca onde existem algumas árvores. Com a primeira rajada de tiros, os caçadores já foram dominados e provavelmente feridos. Os caititus não satisfeitos foram pra cima dos caçadores quebrando-lhes os dentes, perna, clavícula, cortando pedaço da orelha e os arrastando pelo chão, ferindo as costas e arrancando o couro. Provavelmente após uns 30 minutos de tortura reiniciaram uma segunda rajada de tiros, agora a curta distância. Certamente após esta segunda rajada todos estavam sem vida.

Os caititus não satisfeitos, colocaram armamento pesado na mão dos caçadores, para que quando outros caçadores quisessem caçar, se lembrassem do poder de fogo dos caititus.

Após aquele momento de violência sem precedentes na história, sorte das famílias foi o GEFRON, que estava passando na região e encontrou os índios Chiquitanos baleados e desfigurados. Diferente do que se recomenda na terra da lei para fazer uma apuração das circunstâncias das mortes o cenário foi desfeito com a retirada dos corpos, sem nenhuma fotografia ou imagem. Porque imaginemos os corpos expostos ao relento serem devorados pelos caititus!? Perícia? 60 dias depois voltaram ao local, só que pelo laudo não foi feito perícia onde os Chiquitanos encontraram possas de sangue e marcas de tiros no chão na manhã seguinte à chacina, e possuem imagem em vídeo gravadas. Fica mais uma pergunta final, onde está a espingarda, a foice e o fação? Levaram como troféu ou para esconderem algo que revelaria a verdade sobre a chacina?

AQUI

Eu não sou daqui
Mas eu gosto daqui
É como eu tivesse nascido aqui
Não falo igual como as pessoas daqui
Mas isso não é um motivo que significa que vou embora daqui
eu aprendi muitas coisas daqui
A cultura daqui
As danças daqui
A beleza daqui
As comidas daqui
Até algumas pessoas dizem que o Haiti é aqui
Isso significa de verdade que algumas pessoas gostam por eu estar aqui
Então se um dia eu for para um outro lugar, a minha alma e o meu coração sempre estarão aqui
Claro que estarão! Porque quando eu cheguei na cidade
Eu não tinha nenhuma amizade
Mas hoje me sinto muito feliz, criei muitas amizades
Mesmo que era muito difícil
Eu sabia que as coisas iriam mudar porque o início nunca é fácil
4413 quilômetros longe da minha família com objetivo de buscar uma nova vida
Cheguei em Cuiabá sem entender e sem falar mas me receberam com muita alegria
São coisas que fica marcado minha vida
Amo Cuiabá, Amo o calorão de Cuiabá, Amo o povo de Cuiabá
Cuiabá é aqui e Aqui é Haiti
Haiti sou eu....

Eniel Gahette
Nasceu no Haiti, em 22/09/1988. É filho de Bossuet Gachette e Viergela Jean Baptiste e tem duas irmãs e um irmão. Fez o ensino fundamental na escola Collège Mixte Elohim (Haiti) e o ensino médio completo no liceu Fritz Pierre-louis (Haiti). Mora atualmente em Cuiabá, tem 7 anos morando no Brasil.

JURUENA

A mata, o rio, os bichos, a chuva, a roça, as festas são a nossa vida, não temos como viver sem eles... Eles que nos fazem Rikbaktsa.
[Geraldino Rikbakta]

Agora estou na floresta Amazônica na Terra Indígena Japuíra do Povo Rikbaktsa. Cada vez que chego ao rio Juruena me emociono com suas cores, em tons de verde-esmeralda translúcido e azul do céu espelhado. É tempo da seca, a água baixou e reaparecem as praias de areias brancas nas orlas das ilhas, paisagem de beleza paradisíaca. Quando nos aproximamos das ilhas, percebemos a transparência da água, a profundidade do rio, as plantinhas submersas e os pequenos peixes. O fundo e o raso se encontram, me chamam a adentrar em suas profundezas, criando um portal. Tenho sempre a sensação que estou numa grande esmeralda líquida encantada, misteriosa, morada de outros seres, os seres d'água, onde guardam os mitos fundantes do Povo Rikbaktsa. Flores róseas de Samaúma descem desapegadas de suas árvores, navegantes, se entregam ao fluxo do rio. Passo por entre ilhas de onde exalam um perfume de flores de fazer inveja aos perfumistas franceses. Comento com o cacique Francisco sobre o perfume, ele imediatamente ruma em direção a uma ilhota e desliga o motor do barco deixando que o perfume se una aos sons dos seres da floresta e à visualidade das pequeninas flores brancas d`um cipó – são as produtoras daquele aroma indescritível! [...].

É preciso conhecer o Juruena para saber de onde vem o meu devir e o reconhecimento da importância da cultura Rikbaktsa. É noite de lua cheia, no balançar da rede comigo mesma aqui na aldeia Pé de Mutum, tudo o que vivi hoje me fez lembrar de Heráclito, quando disse que não podemos pisar duas vezes no mesmo rio, pois outras águas, e ainda outras, vão fluir [Fragmento do caderno de campo, nº7].

Este relato é um manifesto poético que clama pela manutenção das culturas indígenas e sobrevivência de outros seres habitantes do Vale do Rio Juruena ameaçados pelos projetos de construção das Usinas Hidrelétricas de grande porte naquela região. É preciso deixar as águas fluírem sem represamentos e os Rikbaktsa têm o direito de continuar-se.

Ruth Albernaz
(Cuiabá, 1972) vive em Cuiabá e Chapada dos Guimarães. Doutora em Biodiversidade Amazônica pela Rede Bionorte - MCTI/UNEMAT, com pesquisa pelo viés Arte/cultura/conservação da biodiversidade da floresta Amazônica; curadora independente de arte. Artista visual interdisciplinar, utiliza-se de diversos suportes e propõe um transbordamento de linguagens para suas composições em papéis, instalações, desobjetos, pinturas, xilogravuras, poemas e ilustrações.

Henrique Santian
Artista Convidado

BIOGRAFIA

Muitos trabalhos artísticos se tornam imprescindíveis para narrar sua essência, e tornar visíveis diferentes realidades por meio da arte da fotografia documental e do audiovisual. Esse é o caminho percorrido pelo multiartista mato-grossense Henrique Santian, nascido em 1989 na cidade de Sorriso, norte de Mato Grosso. Em sua vivência com os povos indígenas e de raízes tradicionais afro-brasileiras, Santian compartilha livremente sua identidade visual no mundo de imagens, áudios e narrativas possíveis. Conquistou boa parte de seu repertório desenvolvendo diversos projetos importantes: : Corpo Atemporal (2008), Outras Esferas (2014), A Guerra do fogo (2015), Transmitologismo João e Maria (2016), A Terra Sagrada Xingu (2016), Segredos da Floresta (2016), A fé de Francisca (2017), Olhares Ocultos (2018), Mulheres de Fé (2018), Núcleo de Cinema (2019), Canção das horas (2020), Ríctus (2020), Memórias e Cantos (2020), Atenção A tensão (2020), Amparo (2020). Em uma trajetória de exposições, projetos e oficinas de fotografia e audiovisual, videoclipes, videoarte, documentários. Atualmente Santian mora e trabalha no Vale da Benção em Chapada dos Guimarães, para conhecer mais seus diversos trabalhos acesse: be.net/santian - @henriquesantian

Janete Manacá
(Janete Ferreira da Silva) é filha de pais afetuosos, pais camponeses. Lançou seus primeiros livros em 2018 aos 61 anos de idade, após se aposentar como servidora pública federal. Passou a infância num povoado rural ao norte do Paraná. Ama a vida, a natureza e todas as formas de arte. Bacharel em Serviço Social, Rádio e TV e Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). É colaboradora do Parágrafo Cerrado e integrante do Coletivo Literário Maria Taquara, ligado ao Mulherio das Letras/MT. Autora dos livros Deusas aladas, A última valsa, Quando a vida renasce do caos, Sinfonias do entardecer, Extasiada de infinitos, Tecelã de Memórias, Valentina, a menina que brinca com o vento, Outono para além da janela, Gaia – a poética silenciosa do amor e A SABEDORIA DOS CAMINHOS – poesia em tempos de pandemia, além de participar do projeto social "Momento com Gaia".

FEMINICÍDIO

Maria também se foi
Levando no coração
Muitos sonhos inacabados
Tinha na alma o desejo de liberdade

Sua história de amor acabou
Como a ilusão dos contos de fada
Era frágil e não se sustentou
Por sorte ela tinha voz própria

Conversou, disse adeus e se foi
Ser pássaro em outras moradas
Com fé e esperança seguiu seu caminho
Recomeçar sempre, agora com maturidade

Entre tantas escolhas prometeu se amar
Na intensidade que seu ser merecia
Assumiu o compromisso de ser feliz
Sem traições, ilusões ou vaidades

Na inocência sequer imaginou
Que no caminho havia emboscada
Prenunciando o fim do início da sua jornada
Sem direito a defesa, foi brutalmente assassinada

Numa fúria patriarcalista de insanidade
Ele desferiu dezenas de facadas
Seu corpo tombou sobre o chão ensanguentado
Estampado no jornal que ele tomou rumo ignorado

A noite chegou fúnebre e agoniada
Com chuva de lágrimas pela fatalidade
Era mais uma vítima do feminicídio
Que Nanã receba em amor o seu corpo destroçado

POESIAS AGUERRIDAS

Mulheres que se confundem
Com a paisagem da caatinga
Que trazem na própria face
O mapa da terra ressequida

Mulheres que expõem as cicatrizes da miséria
Vultos invisíveis das favelas
Que regam a terra com suas lágrimas
Onde a semente germina desnutrida

Mulheres expulsas do paraíso
Deusas cruelmente excluídas
Cuja gratidão é silenciosa oração
Debilitadas vencem dias de provações

Mulheres que geram na dureza do sertão
Estrelas cadentes por falta de opção
Suas faces denunciam a indiferença
Do poder que oprime com a força da ambição

Mulheres estrelas das noites de escuridão
Trazem dentro de si a nobre constelação
Por serem filhas do ventre da terra
São poesias aguerridas a fecundar este chão

Silvano Chue Muquissai
É indígena da etnia Chiquitano. Graduando em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Membro da Comissão dos Estudantes Indígenas da UFMT. Vice-presidente do Conselho Local de Saúde Indígena Usinhá Norich Putisiórch. Professor de anos iniciais na Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio (2003). Membro do Conselho Estadual de Promoção de Igualdade Racial CEPIR-MT (2017-2018). Membro do Comitê Estadual de Povos e Comunidades Tradicionais (2018).

CHIQUITANOS DO BRASIL: UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA FRENTE À VIOLAÇÃO DE DIREITOS E A LUTA POR JUSTIÇA

O povo Chiquitano é um povo que vive no Brasil e na Bolívia. No momento em que houve as invasões dos territórios indígenas, teve a divisão geográfica entre Brasil e Bolívia. Os Chiquitano ficaram divididos. A maioria ficou na Bolívia e pouca parte dos Chiquitanos ficou aqui no Brasil. Com essa divisão geográfica, os Chiquitanos do Brasil, que eu tenho mais conhecimento, começaram a passar por um momento de desafios, de desafios com a violência que vinham sofrendo. Começaram a ter um momento de violação de seus direitos. Primeiramente, porque as pessoas começaram a invadir seus territórios. Chegaram os fazendeiros, invadiram os territórios, diziam que eram donos porque o próprio governo brasileiro dava os títulos a eles. Os indígenas da época não tinham e os de hoje não têm um documento que comprove que eram donos, apesar de estarem ali há muito tempo. Eles não conseguiam comprovar que eram realmente donos porque, infelizmente, para o não indígena o que vale é o que está no papel e não a palavra. E, a partir daí, desse momento de violação de seus direitos, os Chiquitanos começaram a se aglomerar em pequenas vilas, pequenas aldeias, onde estão até hoje. Os nossos antepassados começaram a ser pegos para trabalhar nas fazendas que foram sendo criadas nesse período.

Os fazendeiros pegaram para trabalhar, trabalho não no sentido de emprego, mas no sentido de trabalho análogo ao escravo. Nessa época houve muito isso. E, a partir daí, começou a política de genocídio dos povos indígenas. Não só dos Chiquitanos aqui do Brasil, mas de todos os Chiquitanos, eu acredito, assim como todos os indígenas do Estado brasileiro.

Não posso falar da Bolívia porque não tenho conhecimento. Mas, os Chiquitano no Brasil e os outros indígenas passaram a sofrer grandes violações de seus direitos, como invasão de terras. Os fazendeiros que ganharam os títulos e começaram a criar fazendas, pegaram as pessoas para trabalhar nas fazendas. Os Chiquitano foram tratados de forma totalmente preconceituosa, discriminatória. Foram tratados como animais porque a partir do momento em que as pessoas começaram a trabalhar para os fazendeiros em suas fazendas, fazendo tudo o que eles mandassem, tinham que obedecer sob pena de punição. E, muitas vezes, a pena era a morte. Os Chiquitano começaram a usar, como forma de sobrevivência, a aceitação de tudo que era imposto a eles.

Eu me lembro que, desde de criança, consegui ver muitas cenas de meus anciãos de minha aldeia, na fazenda que eles trabalhavam. O fazendeiro chegava altas horas da noite, da madrugada e simplesmente chamavam os indígenas para trabalhar na fazenda que mexia com piscicultura. Eles tinham que tirar peixe para levar para vender. Não tinha hora. A hora que eles quisessem que os indígenas trabalhassem. Em troca de ficarem na terra, na “fazenda deles” que, na verdade, é território de Chiquitano, acabavam obedecendo às imposições dos fazendeiros.

Com o passar do tempo, os Chiquitanos que trabalhavam nas fazendas começaram a deixar de praticar a cultura, as danças, as festas culturais, os costumes, falar a própria língua, até porque também eram proibidos pelos fazendeiros. Até os dias atuais, já passou um bom tempo, os indígenas mais novos começaram a falar o português, que era a forma de contato com o fazendeiro. Pelas proibições que tinham, começaram a perder aquilo que era praticado pelos mais velhos.

E, com isso, as pessoas que iam nascendo, crescendo com todas essas pressões psicológicas de trabalhar em fazendas, de não ter horário para trabalhar, de trabalhar de forma análoga ao escravo. Além disso, sofriam xingamentos, preconceitos. Eram chamados de preguiçosos. Eram chamados de bugre, que é uma palavra pejorativa, mas que é muito utilizada. Pejorativa porque é uma palavra que significa preguiça, vagabundo, que não tinha um futuro pela frente. Então, as pessoas, além de se submeterem ao trabalho análogo ao escravo, eram obrigadas a ficar lidando com essa forma de imposição dos fazendeiros.

Passou um bom tempo. Os mais novos começaram a ter vergonha de assumir a identidade como indígena. Os mais novos começaram a querer ter uma proximidade para obter vantagens com o fazendeiro. Se esforçavam até mais do que podiam para agradar o fazendeiro. Começaram a ter vergonha de assumir a própria identidade, até que chegou ao ponto de negarem a identidade. Porque começaram a negar, a falar que não eram mais indígenas.

E a partir daí começou uma nova fase, uma nova etapa dentro desse processo histórico sujo com o povo Chiquitano, que infelizmente, isso reflete nos dias atuais porque no Brasil, por exemplo, na faixa de fronteira, que é o lugar onde a gente habita desde sempre, existe muito Chiquitano que vive em vilas, mas que não assume a identidade. Não porque eles não querem ou nunca quiseram assumir a identidade, mas porque eles têm vergonha de sofrer preconceito, de sofrer discriminação pelas outras pessoas, de se sentirem inferiores às outras pessoas. Por isso, negaram a identidade, falaram que não eram indígenas e deixaram de lutar por seus direitos. Assim, conseguem um emprego, um emprego não, um trabalho, porque um emprego não é. É um trabalho informal nas fazendas, quando são tratados, às vezes, não de forma digna.

Até hoje isso é muito claro. Até próximo lá da minha aldeia isso é visível. Então, a partir de um momento, os Chiquitano começaram a ter conhecimento de seus direitos. Por volta de 2000, começaram a ter conhecimento de seus direitos, começaram a lutar pelos direitos, o principal deles é o de lutar pela demarcação de seus territórios. Começaram a lutar pelos seus territórios, a lutar de novo pelo fortalecimento da identidade, quando passaram a sofrer retaliações, não só dos fazendeiros que invadiram seus territórios, mas também pelos próprios indígenas que não assumem mais a identidade.

Até hoje aqui no Brasil o povo Chiquitano não tem uma terra demarcada. Tem uma terra que está em processo judicial, para demarcação, processo administrativo. Os demais estão à mercê do governo que atualmente não é favorável aos povos indígenas. É um governo que quer o fim dos povos indígenas.

Estamos aí para lutar! Para tentar garantir esses direitos que são originários nossos. Um direito que é nosso. A gente sempre viveu nessas terras, mas que infelizmente a gente sabe que no Brasil a força política pelos interesses por nossas terras é muito grande. A luta se torna cada vez mais difícil para demarcar nosso território. Assim como também o direito à Educação, direito à Saúde. São direitos que são difíceis de termos.

Para ter uma visibilidade de como está atualmente a realidade dos Chiquitano aqui no Brasil é só pegar do tempo de 2005 para cá: como o povo Chiquitano foi hostilizado, foi discriminado pelos fazendeiros, pelos outros indígenas que não assumem a identidade, pelo governo. E, até hoje, a gente continua nisso. Muitos indígenas não assumem a identidade e ainda não têm o conhecimento de seus direitos para poder lutar por eles. Vivemos dessa forma.

Eu vejo uma forma de a gente lidar com isso que é fortalecer cada vez mais nossa identidade, é se aproximar dos outros indígenas, não somente aqui do Brasil, mas também dos indígenas do mundo inteiro, assim como os da Bolívia, que é nossa vizinha. E, a partir daí, começar uma luta maior, uma luta para poder fortalecer a luta de cada povo e conseguir garantir o mínimo de dignidade que é a demarcação de nosso território. E mais: buscar políticas públicas voltadas para os povos indígenas que respeitem a cultura, os costumes, as crenças e todas as especificidades que os povos indígenas têm.

NO PRINCÍPIO

Música "paratodos"
O meu pai é chapadense. O meu bisavô mato-grossense.
Meu avô bororo. Meu tataravô Tupi.
Maestro soberano é Afro/Guarani

Perfil do Negro que ouviu viu um Brasil Civil e Vil.
Nação sem noção de raça diversidades é sacrificadas nas ruas e praças
Negros no Brasil são raça predominante na população sofrendo racismo interno semiestruturados na nação.
Negros no continente lança pedida a estrela cadente: Liberdade &Abolição & Emancipação.
Negros naturalizados sem respeito à diversidade no Brasil prevalece preconceito e desigualdade.
Negros sem leito de hospital em leito de rio: Viu ouviu um Brasil Cível e Vil.
Negros retrucando grito de Colombo de terra a vista erradicando liberdade nos Quilombos.
Negros resistem desfazimento cultural enraizados em sua diversidade natural.
Negros benzem corpos com fé na força do Axé.
Negra desconstrução de cativeiros construção dos terreiros.
Negro com folha de arruda na mão benze corpos com oração disseminando proteção.
Negro Cuiabá campeão mundial do Folclore na Turquia.
Negro colonial: coxas medidas para fazer telhas de barros.
Negro atual: Morre asfixiado por Coxa de Branco policial nos E.U.A.
Negros mobilizam População Mundial com grito de ordem universal:"Vidas Negras Importam".
Negros na era atual reproduzem gesto universal de Pantera Negra: "Vidas Negras Importam".
Negros unidos pelos felídeos do Pantanal: Parda Pintada e Negra reportam: "Vidas Negras Importam".
Negros ventres livres e entes soltos para amar diferenças de identidade na essência da diversidade.
Negros protagonistas deste poema encerram com fé prevalecendo o Axé da Paçoca de Pilão no PIXÉ.

Suely Siqueira
É escritora Chapadense de Mato Grosso. Aposentada docente da UNEMAT. Formada em EDF na UFMT . Mestre em educação cultural e sociedade pela UFMT. Livro Escrito: "Corpos Algemados - O Lúdico E A Libertação do Corpo" (5ª Edição). Docente do primeiro Curso Superior Indígena no Brasil em Barra do Bugres-MT. Atuou como professora de Capoeira e Yoga. Realização coreográfica: "dança das araras" com o bailarino Wagton Douglas. Produção de documentário: "assim não dá pé" com Eduardo Ferreira. Livro de poesia em vias de publicação.

PEDRAS QUE ENLAÇAM ESTRELAS AOS SETE CANTOS DO MUNDO

Próximo à cidade de Cuiabá acha-se o Morro de Santo Antônio ou Toroari. Toroari é a representação do baito, casa central de um território de vivências Boe-Bororo, cujo esteio principal é simbolizado pelo jatobá, árvore dos heróis míticos Méri (Sol) e Ári (Lua). É a passagem que interliga o mundo subterrâneo (subaquático) ao terrestre e aos celestiais. O eixo Leste/Oeste divide ao meio a aldeia e o baito e estrutura duas metades exogâmicas, Ecerae, os donos dos cantos, ao Norte, Tugarege, os cantadores, ao Sul. O caminho solar compõe a trama da vida e da morte, o eixo da ancestralidade e dos progenitores míticos. Este caminho é interseccionado pelo eixo dos espíritos, cujos mais significativos se apresentam como felídeos: os do Zênite são luminosos, humanizados e benéficos, os do Nadir são sombrios, perigosos e selvagens. Cada metade é constituída por quatro clãs, e estes se dividem em subclãs que orientam-se pelos pontos cardeais e vinculam-se às diferentes linhagens maternas que definem o legado material e simbólico de seus membros. O território forma um rizoma sustentado pelas linhagens maternas, associada a diversos heróis culturais, um continuum tempo-espaço.

O morro Toroari está vinculado à inundação universal. Merire Póro, "a porta do Sol", sustentou o fogo de um tição em suas mãos e do alto do Toroari fez a fúria das águas recuarem. Ninguém sobreviveu ao cataclismo. Merire Póro se uniu a uma cervídea ou guaçuetê e repovoou a terra, restabelecendo a cultura Boe-Bororo. Num segundo aspecto do mito foi Jerigi Otojiwu quem se salvou da inundação e, igualmente, com um tição, fez as águas abaixarem. Seu assobio persistente nas auroras fez aparecer outro índio portando um tição para em seguida emergirem todos os índios da casa central, baito. Jerigi está associado à estrela Rigel da constelação de Orion e à caça. Guaçuetê é vinculada à constelação de Centauro. Pobógo Imédu, a Alfa, e Pobógo Arédu, à Beta, de Centauro, as quais integram a constelação Cruzeiro do Sul como uma única constelação, denominada pelo Boe-Bororo de "Perna da Ema". A Guaçuetê expressa o aspecto feminino e o cultivo da terra.

As constelações para os Incas e para diversos povos ameríndios podem ser formadas pelas manchas escuras do céu, como a constelação Zorra, raposa, ou pelos brilhos das estrelas, como a Cruzeiro do Sul e Orion consideradas Chakanas, isto é, são vistas como cruzes piramidais. Orion, o construtor de pontes e jaguar celestial, é reputado como a mais importante constelação incaica, pois ao percorrer o eixo Leste-Oeste confere completude aos dois hemisférios celestes. É morada de Wiracocha, que presenteou o soberano Inca com Sirius ou Wilka Wara, estrela sagrada, com intuito de proteção e sabedoria. A constelação do Cruzeiro do Sul é sempre observada ao lado da constelação da Lhama, visualizada pelo contorno da mancha escura mais próxima. Seus olhos são as estrelas Alfa e Beta da constelação de Centauro e na mitologia andina responde pelo ciclo cósmico das águas. É a mãe das almas. A Lhama celeste, ao beber as águas da terra, regula as chuvas e impede o dilúvio.

O alinhamento astronômico de Orion separa a capital incaica em duas metades, ao Norte (superior), os habitantes comprometidos com a guerra e o governo, e ao Sul (inferior), com a religião e agricultura. Cusco, com um padrão urbanístico semelhante a um jaguar, em seu centro fica o templo Coricancha ou do Sol sustentado por um pilar central, Tunu, representação da montanha ou árvore mítica andina. No templo, os Incas cultuavam o Sol, Inti, e sua esposa, a Lua, Killa, além de Vênus, e de outros astros e estrelas. Do templo emana, em direção aos quatro pontos cardiais ou Suyus, linhas telúricas e espirituais, Seques ou raios que interligam os lugares sagrados, moradas de entes guardiões, Huacas, alcançando os confins do império. Caminhos patrilineares.

Acredita-se que uma das linhas ou caminhos, a do Tunu Acap (El'Dorado) alcance a Chapada dos Guimarães. Para observação dos astros e do sol zenital, pelos caminhos os Incas construíram os Suqanqas, pilares de pedras, altares astronômicos com função agrícola e cerimonial. É o jogo de sombras e luz, necessário à leitura dos signos da cartografia sociocósmica. Em Coricancha, Orion também representa passagem, ascenso (zênite) e descenso (nadir), entre o celestial, o terreno e o inframundo (subaquático), eixo central que interliga o quinto Suyu, o mundo sutil, aos seres humanos e não humanos, capaz de transmutar o caos em cosmo.

José Eduardo F. M. da Costa
É indigenista. Especialista em Antropologia e Mestre em Geografia pela UFMT. Em 1979, mudei para Mato Grosso para trabalhar com os povos indígenas. Por muito tempo morei nas aldeias Nambiquara e Potiguara. Nesses anos de vivência conheci outras etnias. Na caminhada, o encontro com Anna, o multiverso, a dádiva de compartilhar amizades e ancestralidades. E as miragens e sonhos foram clareando...

Meire Pedroso da Silva
É cuiabana, professora, poeta, atriz. Reside em São José dos Campos/SP, onde atua no grupo de teatro Tropa do Vale. Em Cuiabá participou do Grupo de Teatro Gambiarra. No momento está na expectativa de publicação do primeiro livro de poesia com o título de Tempos Tchapequara. Participa de intervenções poéticas em saraus reais e virtuais.

SAUDAÇÃO AOS QUILOMBOS

Os tambores da senzala
Tocam forte seu penar
Quando tocam para lua
Dos quilombos quer lembrar
Na lavoura, noite dia.
No engenho, no café.
Chora o negro sua agonia
Da opressão do coroné.
África, Berço da humanidade!
Quantos de teus filhos deixaram seu chão.
Quantos de teus braços moídos em sangue.
Quantos de teus sonhos virados em prisão.
África, enterrada em tumbeiros!
Quantos de teus corpos jogados no mar.
Quanto de tua terra em navios negreiros.
Quanto de teu povo perdido no olhar.
A ti Palmares, meu grito.
Entoo num canto de dor
Sonho com a liberdade
Dos grilhões do meu sinhô
Sou herdeira de Zumbi
Canto e conto nossa história
E quem passa por aqui
Guarda tudo na memória
África, berço dos ancestrais!
Quanto do teu leite foi derramado
Quanto de memória ficou pra trás.
Quanto de ciência virou legado.
África, multiface Cultural!
Quanto de teus filhos com o corpo a gingar.
Quantos de teus passos marcados no solo
Quantos de tambor podemos tocar.
Quilombola ê quilombola á
Quilombola ê quilombola á
E o corpo se fez pão.
O pão estuprado. O corpo arrastado. A carne mais barata do mercado.
E o sangue se fez vinho.
O vinho que corre do corte da chibata. O sangue retido no buraco da bala.
Até quando?
Até quantos andersons, joãos, joaquins, antonios, franciscos, pedros?
Até quantas Marias marieles, arieles, severinas, evas, luandas, dandaras?
Até quantas?
Até quando?

Aloir Pacini
É jesuíta que fez mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - Museu Nacional (1999) e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012). Lotado no Departamento de Antropologia - UFMT, possui dedicação prioritária na etnologia indígena, com produção acadêmica dentro da Linha de Pesquisa do PPGAS: Etnicidades, Territorialidades e Cosmologias.

A ÁRVORE DE NATAL QUEIMADA

Com um pouco de arte, humor e caricatura, vou falar do drama vivido no Pantanal que é esse bioma que sofreu incêndio sem precedentes neste ano de 2020, a partir de uma pessoa muito especial, uma amiga do coração que disponibilizou para mim seu coração, mente e espírito para que eu compreendesse o que viveu.

Os incêndios que atingem com cada vez mais intensidade os biomas brasileiros, notadamente a floresta Amazônica, o Cerrado e o Pantanal é uma realidade que grita aos céus. Os Chiquitanos falam que já passamos pelo dilúvio da água, do vento (tsunamis) e agora veio o dilúvio do fogo que seria um esforço da natureza para acabar com a ganância do ser humano. Milhares de animais foram mortos visivelmente, alguns feridos foram encontrados na queimada criminosa do Pantanal deste ano, possivelmente milhões de animais e plantas silvestres foram mortos nas queimadas e não vimos. Estive na Baía dos Guató no domingo e segunda-feira para a festa de Nossa Senhora Aparecida, e ali as súplicas todas eram por chuva para apagar o fogo que ainda continuava a consumir o que restou de troncos de árvores antigas. A chuva faz falta por lá de forma mais dramática que em Cuiabá e o Natal promete chuvas mais abundantes. Aqui quero falar de uma sensibilidade que encontrei na pessoa de Sandra Guató, pajé que chora por causa de sua árvore mãe, a conselheira que pediu para ela ficar no Pantanal quando ela quis mudar para a cidade de Cuiabá. Essa história vale a pena ser contada, pois faz dois anos que ela me chamou para contar o sonho que tivera:

"Eu estava na cidade, tinha vindo tratar de saúde e estava triste com a demora do processo de demarcação da nossa Terra, dos conflitos e ameaças de fazendeiros, e conflitos internos da própria comunidade. Eu pensei ir para aldeia e pegar tudo que eu conseguisse dos meus pertences e trazer para cidade e não voltar mais para aldeia. Estava cansada de lutar e sem resultado satisfatório. Nesse mesmo dia eu deitei para dormir e tive um sonho. No meu sonho eu conversava com uma árvore frondosa, porém já um pouco danificada, doente... quase morrendo. Mas ainda estava dando frutos e a sua sombra podia abrigar muita gente, os pássaros e os animais da floresta. [...] Enquanto uma xamã do meu povo, eu estava renegando o meu dom e os meus ancestrais! Com o meu dom eu ainda podia ajudar muita gente na minha comunidade e, se eu viesse embora, estava renegando esse dom. Ao pensar tudo isso, sentei e chorei por algum tempo, depois olhei para o céu e agradeci a Deus e aos meus ancestrais e aos espíritos da floresta por não me deixar desistir de lutar. É que os meus ancestrais estavam me cobrando o trabalho com a minha comunidade. A árvore representava a minha cruz, o meu trajeto de vida que eu tinha que cumprir, aquele ciclo, e estava tentando abandonar. E no meu sonho eu pude perceber isso quando cheguei debaixo da árvore e toquei no seu tronco envelhecido e doente. [...] Para nós mulheres Guató a natureza, a mãe terra, é muito importante e temos que lutar e cuidar dela como se cuida de um filho. Por isso somos as guardiãs das florestas e dos rios e tudo o que neles existe. Lutamos contra o desmatamento e a pesca predatória e a poluição dos nossos rios e seus afluentes. Se cuidarmos bem deles sobreviveremos por muitos anos, e ainda, da natureza podemos tirar tudo que precisamos para sobreviver e sem destruir." (Relato de Sandra Guató, pajé devota de Nossa Senhora Aparecida).

Sandra Guató colocando os nomes dos falecidos na árvore da vida na aldeia
Aterradinho, Terra Indígena Baía dos Guató (02/11/2018).

O sonho e a reflexão que Dona Sandra fez, como pajé, aplicando os ensinamentos da árvore para sua vida é visto como vindo de Deus e dos seus ancestrais para cobrar as responsabilidades espirituais de cuidado com o seu povo, especialmente com os dons de cura e de orações. Quando ela fala que sentou para descansar na sombra da árvore, ela mostrou que, mesmo estando doente e envelhecida, ainda estava lhe dando abrigo. O mais impressionante é a sintonia entre Dona Sandra e sua árvore totem, pois encostou-se no seu tronco para contemplar a harmonia da natureza em sua volta, quando elas se juntam para cuidar da vida.

Infelizmente a árvore de Natal queimou porque temos um presidente que promove a desconstitucionalização dos direitos indígenas e desencadeia processos de desterritorialização dos indígenas retirando-os de seus lugares originários e transferindo-os para cidades de forma sutil. Isso apareceu claramente no caso de Dona Sandra que percebeu as maracutaias em curso, a chamada integração dos indígenas à sociedade envolvente. A partir do sonho de Sandra, vemos a resistência nessa fala desolada de Dona Sandra Guató:

"Estamos em nosso território, é difícil pra mim [...]. Olha, meu sentimento é dizer: a devastação, dentro de poucos segundos queimou tudo em minha volta [...]. Gerei minha família, hoje em dia, já estou com 63 anos, já sou bisa e nunca tinha visto uma tragédia dentro do nosso espaço, do nosso território que veio para me derrotar. Eu me sinto derrotada porque quando eu vejo a mata destruída, vejo a vegetação tornando brotar na baixada... Mas, e na mata alta, será que ela vai brotar? Eu faço essa pergunta pra todos que vêm aqui. E oro para meus antepassados, peço pra eles ajudar nós, peço a Deus o nosso Criador, peço a Nossa Senhora, ela é testemunha, que nos ajuda a recuperar [...] não deixa morrer tudo, porque eu morro junto com ele. Eu me sinto assim, morrendo aos poucos, porque desde o dia em que o fogo passou por aqui e fez isso aqui, eu não tive mais paz. Eu começo a fazer a comida com abundância porque eu não tenho mais filho pequeno, mas eu tenho os animais pra dar de comer [...]. As árvores, como eu disse, o sonho que eu tive [...] antes desse fogo pegar, eu afirmo com toda a certeza, eu tive a nova visão, encontrei a labareda de fogo, ela não cessava e eu, no desespero, sem poder apagar [...]. E o desespero ia ficar dentro de mim, e roendo no dia a dia, como está. Como eu peço: Salve o nosso Pantanal! Salve a nossa criação nativa! Salve nós porque nós também somos nativos, eu faço parte dessa natureza! [...] Me revolta tanto [...] Eu sou um tronco, eu sou uma árvore no meio da minha família, eu tenho os frutos [...]. Se eu não salvar, talvez a minha semente pode perder [...]. Salve o nosso Mavoco [Cuiabá]! Como eu pedi para ele, porque isso aqui também pode acabar. Eu já vi tanto rio secando! [...] Isso aqui é a cobrança, o que eu estou passando hoje em dia no território tão lindo, o paraíso tão bonito que nós tivemos por tanto tempo, segurando, para salvar a vida de todos, mas agora não fomos capazes mais de segurar [...]. Porque não depende só de nós, somos circulados por muitos egoístas e ambiciosos [...]. Dinheiro não salva a vida, mas as ervas que estavam armazenados dentro da nossa mata, dentro do nosso cerrado, salva. [...] Com essa pandemia que nós estamos passando, nós buscamos remédio aonde para nós estar sadio? Foi lá! [...] Se os nossos antepassados não nos segurar sadios, onde nós vai procurar de novo? Onde nós vai encontrar? Já acabou! Não temos aonde tirar, queimou tudo, queimou tudo." (11/10/2020).

Nesse momento chegou a imagem de Nossa Senhora e Dona Sandra foi fazer a oração de gratidão pela vida de todos, pediu como está acima e acrescentou: Salve a Amazônia! Lembrou dos indígenas que ainda estão mais isolados, livres, para que permanecessem assim, porque lamentava em oração que "somos civilizados" agora para "viver de esmola".

Árvore da vida com os Santos e os antepassados como flores diversas e coloridas no local da reza na casa de Sandra Guató (03/11/2018).

Tarcísio Geraldo da Costa, 54 anos, da aldeia São Benedito, no lado do rio São Lourenço, do outro lado da Terra Indígena Baía dos Guató, afirmou: "Os pais faziam rezar no oratório antes de escovar os dentes e antes de dormir, depois da janta. Na Semana Santa somente comia um pouco de farinha e o broto de laranjeira. Os Santos não ficam sem sua vela acesa!" (02/11/2018).

Com isso, concluo esse escrito trazendo a luz da poesia pantaneira que nos enche de esperança:

Conselhos de uma árvore
Fique em pé e orgulhoso de si
Lembre-se de suas raízes
Beba bastante água
Valorize sua beleza natural
Aprecie sempre a vista
(Manoel de Barros, o poeta pantaneiro).

O ANTIRRACISMO GREGO

Quando me sinto um peixinho na xícara
quem a mim o ódio evita?

Quem, frente a minha dor,
tiver postura solícita
É porque sabe das mágoas
que vivencia a cor,
da posição política.

Do racismo "santo" de cada dia,
da relativização que legitima
e faz o racista bom,
ser racista de academia.
Que escuta e nega certas epistemologias...

Mas quer apropriação,
sem discutir racialização,
racismo estrutural e eugenia.

Acham até que falam melhor que os preto
sobre eles mesmos,
"tenta no outro ano...",
"você não tem chance",
"nossa, como cê tá "por dentro hein!"
Mas na verdade tá é com medo!

Da legitimidade que temos para escrever e falar
sobre assuntos que nos dizem respeito.
E não têm o mínimo respeito,
se o preto se sai melhor: silencia,
manipula e, até a auto estima intelectual dele:
destrua.

Mas sem levantar bandeira...
Vai pesquisando sobre psicologia,
filosofia e literatura negra
Vai falar melhor que eles,
"com certeza".

Faz, mas não estimula as pretas,
E o seu narcisismo branco
Ah, isso fica p'ras calendas gregas!

Maria Clara Bertúlio
É artista multidisciplinar, graduada em Teatro pela UNEMAT e aluna regular do curso de Letras na UFMT, desenvolve pesquisa voltada para área da Literatura Negra e dedica-se a processos experimentais entre as linguagens do teatro, poesia e performance sob uma ótica afro-diaspórica.

Sônia Regina Romancini
É professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em Educação pela UFMT e Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Dedica-se à Geografia Urbana e Geografia Cultural. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e pesquisadora do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER). Integra o Grupo de Pesquisas em Geografia Agrária e Conservação da Biodiversidade (GECA). Cidadã mato-grossense por título e de coração. Ama rezar e festejar, escrever e viajar. É vegetariana e vovó da Alexia.

Edenilson Dutra de Moura
É filho de mineiros. Cuiabano convicto. Viajante apaixonado. Professor da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), do Câmpus Binacional – Oiapoque. Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bacharel e Mestre em Geografia, ambos os títulos obtidos pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Tem experiência em Geografia Humana e atua, principalmente, nas seguintes áreas: Geografia Urbana, Geografia Cultural e no tema cidade e fronteira. Viciado em café e gente do bem. Tio coruja do Gabriel.

AS PESSOAS CLAMAM POR PAZ: “FRATERNIDADE - CAMINHOS DE LUZ, AXÉ”

Na manhã ensolarada de 29 de junho de 2019, aconteceu a terceira Lavagem das Escadarias da Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, edificada por pessoas que foram escravizadas, constituindo um ato cultural de tradição, memória e reverência à ancestralidade, louvando a São Benedito, o santo negro, no lugar reivindicado como espaço de circulação de pessoas afrobrasileiras e, também, por aquelas que almejam um mundo de paz e sem preconceitos. O evento faz parte do calendário oficial de Cuiabá e acontece no sábado que antecede a festa de São Benedito. Tem como patrono, o saudoso Antônio Mulato, da comunidade quilombola Mata Cavalo.

O grupo sacerdotal da Lavagem agrega umbandistas e candomblecistas de várias tradições, responsáveis pela preparação da água para o ritual, que purifica e abençoa as pessoas participantes. A Casa Cuiabana constituiu um espaço importante na preparação de etapas simbólicas da Lavagem, como a preparação das quartinhas dos orixás, com flores e águas perfumadas por diversas folhas maceradas.

Com o tema “Fraternidade, Caminhos de Luz, Axé”, a Lavagem reuniu pessoas que clamavam por paz na cidade, entre elas, lideranças do movimento negro, religiosos, ciganos e LGBTQIA+. O branco estava presente nas roupas dos participantes do cortejo e nas vestimentas tradicionais de umbandistas e candomblecistas. Bandeiras brancas traziam a palavra “Paz”.

O cortejo foi acompanhado por um trio elétrico, onde o pai de santo Paulo de Oxumaré, realizava as orações, acompanhado pelo coral e pelos instrumentistas de sopro, principalmente cornetas, cantando e tocando diferentes canções. Sons de atabaques, tambores e xequerês ecoavam no ambiente. Após o cortejo, a comissão sacerdotal e as pessoas responsáveis pela cerimônia da Lavagem se posicionaram em frente à Igreja do Rosário, empunhando vassouras de palha de ariri, preparadas pelo Nezinho, de Mata Cavalo, e vassouras de piaçava. A comissão organizadora, presidida pela mãe de santo Maria José de Castilho Gonçalves, pronunciou breves falas e agradecimentos, com a soltura de pombos brancos, que simbolizam a paz.

No ano do tricentenário de Cuiabá, as águas perfumadas com alfazema, jorraram de um “caminhão-pipa”. Este foi o momento mais esperado da cerimônia. De maneira ágil, muitas mulheres e, também, alguns homens, lavaram as escadarias do Rosário e São Benedito, de pés descalços, cantando e alegrando o ambiente, que exalava o perfume das ervas. A água tem grande importância na Umbanda e no Candomblé pelo seu poder de absorver, acumular ou descarregar qualquer vibração, seja ela benéfica ou maléfica. A cerimônia chamou a atenção dos transeuntes nessa manhã.

As flores, carregadas com afetividade e alegria nas quartinhas, com as águas sagradas, foram utilizadas, pelas mães de santo, para aspergir as pessoas. Em seguida, as flores foram oferecidas às pessoas, num gesto de carinho.

Pouco após a Lavagem das Escadarias, formou-se uma roda de dança entre mulheres e mães de santo, embaladas pelas batidas e canções umbandistas e candomblecistas. O momento era de confraternização pela Lavagem que aconteceu no espaço mais sagrado e de maior importância do ritual: no Largo do Rosário. No mesmo espaço da roda de dança, foi anunciada a participação do Centro Cultural Aruandê, um grupo de capoeira, que abrilhantou e finalizou o evento naquele local, convidando as pessoas presentes a entrar e jogar na roda, ao som dos berimbaus.

Giovani José da Silva
É antropólogo, professor de História e, atualmente, leciona na Universidade Federal do Amapá, onde também é acadêmico da Licenciatura em Teatro. É autor, em parceria com Anna Maria R. F. M. da Costa, de Histórias e culturas indígenas na Educação Básica (Autêntica, 2018).

DURILA BERNALDINO, MINHA MEMÉ KADIWÉU

Dentre todos os indígenas Kadiwéu que conheci ao longo de oito anos (1997-2004) de convivência diária, sejam homens ou mulheres, nenhum deles me impressionou tanto e deixou tantas saudades quanto Durila Bernaldino. Ela era uma senhora centenária, aparentemente frágil, muito lúcida e, principalmente, a maior conhecedora dos saberes e tradições Kadiwéu.

Tive o privilégio de conhecê-la assim que cheguei à aldeia Bodoquena, Reserva Indígena Kadiwéu, localizada no município sul-mato-grossense e ao longo de nossa convivência conversamos muito, em línguas portuguesa e indígena. Embora fosse uma referência para os índios de toda a Reserva, Durila não era uma "pura", como os indígenas se referem àquelas pessoas cuja ascendência vem diretamente dos antigos "cavaleiros".

Ela contava que havia sido raptada ainda menina em sua aldeia Ishir e criada entre os Kadiwéu para ser uma "cativa" (categoria existente para designar os índios procedentes de outras etnias ou "misturados"). Quando isso teria ocorrido? Creio que por volta de 1900, data que constava em sua certidão de nascimento apenas por uma formalidade (exigência do INSS, que não conseguia registrar datas anteriores nos documentos de aposentadoria), já que se presumia que Durila teria nascido em 1884, dezesseis anos antes!

Era uma mulher que havia conhecido três séculos diferentes (XIX, XX e XXI) e que eu tive a honra de ter como vizinha e "memé". Tal expressão Kadiwéu remete à figura do avô ou da avó e Durila se tornou minha "meme" quando me deu o nome pelo qual sou conhecido até hoje entre os Kadiwéu: OYATOGOTELOCO. O nome significa "a luz que brilha longe" e foi dado a mim após um sonho que a anciã indígena tivera, maneira usual de "batismo" feita por alguém como ela que tinha a atribuição de dar nomes indígenas às pessoas da aldeia e a alguns forasteiros (ecalailegi).

Segundo Durila, os Kadiwéu encontraram um menino que tinha uma fenda no peito, na altura do coração, por onde saía uma luz, como se fosse uma lanterna. Essa luz não guiaria os Kadiwéu, mas os ajudaria a encontrar caminhos que poderiam ser percorridos por eles próprios, mesmo à noite. Tenho orgulho do nome Kadiwéu que recebi de Durila, que nos deixou em 2009, perto de completar 125 anos! Seu último nome em língua Kadiwéu jamais poderá ser novamente pronunciado (ou escrito), uma vez que entre os indígenas os nomes dos que se foram para a aldeia da memória devem ser deixados no passado...

Márcio Mendes
Nascido em Cuiabá, um auto didata, escritor e compositor. É autor de “Uma Noite de Insônia” e “Uma Janela Espia Um Outro Lado de Sua Mente” Atualmente escrevendo “Separada Dividida”. Participou da Revistas Ruído Manifesto, uma com Poesias e um conto “Viagem Rumo ao Covid-19.

HAVIA

Na travessia da minha vida
por entre os caminhos em que andei havia...
Havia um grande amor.
Um grande amor, na travessia da minha vida
por entre os caminhos em que andei havia.
Havia pessoas, plantas, animais, havia esplendor, havia vida
Tudo havia na travessia da minha vida que havia...
Havia suor, havia ternura, havia amor, havia poesia
Na travessia da minha vida
por entre os caminhos em que andei havia
Havia outras circunstâncias também
Havia dor, havia pena, havia pavor
havia intensidade no intrínseco do meu interior
Na travessia da minha vida havia o bem
Havia pessoas, havia carinho, havia amor
Na travessia da minha vida que havia...
Por entre os caminhos em que andei havia
Havia vidas vivendo um dia de cada vez...
Por isso, um dia de cada vez vivia a vida
vivia um dia, dois dias, três dias, os demais dias
Nos dias da minha travessia que havia
por entre os caminhos em que andei
No meio do caminho sempre havia amor
Amor aos meus, amor próprio, amor aos seus
havia a força de um desejo com fervor
Valorizando o meu próprio eu
O eu indivíduo, eu pessoa, eu amor
Porque na travessia da minha vida
por entre os caminhos em que andei havia
Havia, e sempre há de existir porque sempre havia...
Havia o eu, havia o meu, havia o seu
Havia uma ruela, uma estrada, uma avenida
Havia uma travessia, nos caminhos da minha vida que havia
Havia sempre um grande amor
Havia uma travessia que havia...

A verdade em uma imagem que remete ao quadro de guerra
Contra os povos indígenas brasileiros.
Qual é o corpo que resiste à guerra imposta? O indígena. Salve Raoni!

Loyuá Ribeiro Fernandes Moreira da Costa
É Advogada, ativista dos Direitos
Humanos, ilustradora.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

A ANTA E A MULHER

Era o tempo em que gentes conversavam com animais. Às vezes, pareciam todos gentes... Aquele período venatório levou, bem cedinho, um casal Nambiquara à caça. O homem seguiu mata adentro, enquanto sua mulher sentou-se à espera do marido que seguiu com o cesto-cargueiro pesado às costas. Na mata, a proximidade de uma anta se fez na vegetação abatida, nos rastros e nas fezes do animal. Sua pegada revelou ser um enorme e pesado animal, bem próximo do caçador. O homem caçador seguiu o assobio da anta.

Dito e feito! Estavam homem e animal, cara a cara. Mais rápida do que a flecha, a anta escapou e raptou a mulher, em atonia com o corre-corre. E por um longo percurso, animal e mulher correram juntos. A mulher presa às costas do animal. Distantes do caçador, ainda assim a anta não deixou a mulher se soltar. Nem para urinar. Nem para defecar. E, com a noite a separar aquele dia de fuga, a anta dormiu com a mulher.

O novo dia não trouxe descanso à mulher. Logo ao acordar, foi colocada às costas da anta que saiu em marcha em busca de alimento. Chegaram debaixo de um pé de caju. O cheiro dos cajus madurinhos afrouxou a anta a atender a súplica da mulher que queria comer da fruta.

E a anta, em agrado à mulher, subiu no pé de caju a chocalhar os galhos, a fazer descer tantas frutas maduras e cheirosas. E a mulher a pedir: – sobe mais, anta, há mais frutas no topo da copa da árvore.

E a anta subia, subia, subia... A mulher, fora do alcance da anta, a deixou no mais alto galho do cajueiro. Seguiu em direção à aldeia. Mas, a mulher deixou rastro na areia fina e branca do cerrado.

A anta, que correu mais rápido do que a mulher, chegou logo em seguida, quando viu seu filho acabar de nascer. A anta se aproximou da família, mas a mulher não o reconheceu como marido.

Os homens cercaram o animal. Conversaram com o animal. Adularam o animal. Serviram folhas de mandioca ao animal. Em gratidão, saciado, ensinou aos homens a caçar anta. E os segredos revelou: – no braço, no fígado e no bucho a flecha não dá conta de matar. Mas, na banda da costela, é fatal se usada a flecha jurupará!

De posse do segredo e vingados, assistiram estendidos no chão os corpos flechados da anta e de seu filho.

PIÉ

REVISTA LITERÁRIA